

Na Cabeça de Ventura

Vítor Matos

Na Cabeça de Ventura

*Aos meus filhos, Miguel e António, para que
vivam sempre numa democracia liberal plena*

© 2024, Livros Zigurate e Vítor Matos

Livros Zigurate

Av. 5 de Outubro, 42, 1.º Esq.
1050-057 Lisboa

livroszigurate@zigurate.pt

Título: *Na Cabeça de Ventura*

Autor: Vítor Matos

Revisão: GoodSpell

Composição: Rita Lynce

Capa: Pedro Serpa

Fotografia de capa: Ana Brígida

1.ª edição: Fevereiro de 2024

ISBN 978-989-35478-1-6

Depósito Legal n.º 526285/24

Agradecimentos

Este livro baseia-se no *podcast* intitulado «Entre Deus e o Diabo», que fiz para o *Expresso* em 2023, depois de dois anos de trabalho sobre «como André se fez Ventura», a contar a história, o percurso e as contradições do fundador do Chega. Ele não teria sido possível sem o entusiasmo motivador do Carlos Vaz Marques, editor da Zigurate, e teria sido impossível sem a colaboração de outros camaradas do *Expresso*, incluindo todos os que deram voz *off* às personagens do *podcast*: antes de mais, do co-autor do programa, o João Luís Amorim, sonoplasta que trabalhou o som dos sete episódios, de fio a pavio, e lhe deu o perfume emocional imprescindível à narrativa; da Joana Beleza, subdirectora de áudio e multimédia do Grupo Impresa, que carregou o projecto às costas; e do David Dinis, da Eunice Lourenço e do Hélder Gomes, pela sua ajuda, conselhos e reparos. Um enorme obrigado a todos.

Introdução

Assim que viu aquela capa de jornal, o comissário de bordo accionou de imediato o modo de contenção de danos políticos, para que o que lhe parecia mau não se tornasse ainda pior. Ricardo Andrade estava no Brasil, preparado para trabalhar durante mais um voo de longo curso e regressar a Lisboa, quando foi surpreendido pela manchete do jornal *i*. Não podia acreditar. Ele não lhe tinha falado em nada daquilo, não tinha sido combinado. Aquela declaração ia ter consequências, só não conseguia imaginar a magnitude das ondas de choque imediatas e a longo prazo. Irritado, o líder da concelhia do PSD em Loures e candidato social-democrata à Assembleia Municipal pegou no telemóvel e ligou imediatamente ao cabeça-de-lista do seu partido às eleições autárquicas.

— Estou, André? Não fales mais do assunto, por favor, pelo menos até eu chegar a Lisboa...

Aquela manhã, dia 17 de Julho de 2017, foi o princípio de tudo o resto. A submanchete do *i* exibia uma fotografia de André Ventura, militante do PSD, comentador de futebol e crime na CMTV, candidato a presidente da Câmara Municipal de Loures, e reproduzia várias frases de uma entrevista: «Os ciganos vivem quase exclusivamente de subsídios do Estado»; «em Loures, os ciganos ocupam casas e a câmara nada faz para os tirar de lá. Nos transportes públicos é a mesma coisa: nunca pagam»; «a sociedade devia permitir a prisão perpétua dos delinquentes».

No corpo do jornal, os argumentos elaborados ao longo da entrevista conduzida pelo jornalista Sebastião Bugalho eram mais desenvolvidos: «Tenho imensos relatos em Loures de situações em que são ocupados imóveis ilegalmente e a câmara nada faz para os tirar de lá. Porquê? Porque seria racismo e xenofobia. Mas não é racismo, é fazer cumprir a lei. Sempre que alguém denuncia isto, acusam-no de racista

e começam a falar em políticas de integração. Mas nunca dizem quais. A integração é o quê? Estarem em casas sem pagar, andarem de transportes públicos sem pagar? É não cumprirem a lei?»

Quando leu a entrevista, Ricardo Andrade percebeu o potencial destrutivo daquelas ideias. Pediu ao candidato pseudomediático que lhe saíra na rifa para esperar, para que pudessem depois «analisar o impacto das declarações». Seria esse o passo seguinte a tomar. Ele próprio tinha um voo de nove horas para pensar e amadurecer as ideias.

Sem contar pormenores, o candidato chegou a sinalizar à equipa da sua candidatura em Loures às eleições autárquicas de 1 de Outubro de 2017 que ia dar uma entrevista. Depois de a ter concretizado, fez saber que tinha corrido razoavelmente bem, mas avisou que podia eventualmente haver alguma questão que viesse a chamar mais a atenção, embora sem revelar que tinha falado da comunidade cigana¹. De facto, chamou muito a atenção. Chamou até demais. O assunto pegou fogo. E um quase desconhecido candidato a uma câmara da periferia de Lisboa, sem hipóteses de um resultado melhor do que o terceiro lugar, haveria de se tornar numa figura nacional a partir de então.

O plano tinha sido pensado à mesa. Uma semana antes, André Ventura almoçou com o seu amigo João Gomes de Almeida — publicitário e consultor de comunicação —, no Madeirense, um conhecido e bem frequentado restaurante do Centro Comercial das Amoreiras.

Os dois homens conheciam-se há anos, pelo menos desde que Ventura publicara um par de romances na Chiado Editora, onde Gomes de Almeida trabalhava na área dos livros políticos. Se naquela época aquele professor de Direito começava a ter alguma notoriedade pública, era por causa dos comentários truculentos, com gritos, bracejos e espectáculo q.b., a defender as cores do Benfica na CMTV, de tal maneira que quando subiram ao primeiro andar do centro comercial havia gente a apupá-lo.

A meio da conversa, durante a refeição, surge o tema dos ciganos, até porque André Ventura tinha feito várias incursões nos bairros sociais de Loures na companhia discreta de elementos da PSP, a que chamavam «visitas técnicas»,

para conhecer a realidade no terreno. Mas não foi isso, ou só isso, que o candidato contou ao especialista em *marketing*: André Ventura disse a João Gomes de Almeida que tinha uma sondagem segundo a qual o maior problema de Loures era a segurança e que «ele achava que a insegurança era motivada pelos ciganos no concelho». Mas João Gomes de Almeida nunca chegou a ver essa sondagem.

— Achas que é plausível usar este tema dos ciganos na campanha, ou vou ser crucificado? — perguntou-lhe André.

Ia ser crucificado. Ou então ia usar um preconceito generalizado para ganhar notoriedade política. A jogada era de risco e as consequências, imprevisíveis.

Perante a aparente hesitação do social-democrata, o consultor de comunicação convenceu o candidato a não ter medo de avançar com o tema dos ciganos para a campanha: «O que eu disse é que fazia sentido usar» o assunto na campanha, «mas tinha de ser através de uma comunicação nacional. Então, fui eu que fiz o primeiro contacto com um jornalista para que ele pudesse dar uma entrevista com esse gancho», conta João Gomes de Almeida.

O contacto seria dirigido ao jovem jornalista Sebastião Bugalho, que estava a dar os primeiros passos na carreira, nos jornais *Sol* e *i*. Conhecia o nome de André Ventura, mas, como a maior parte das pessoas que não sintoniza os programas de futebol, não sabia mais nada sobre ele.

«O João lançou-me uma ideia surpreendente», recorda Sebastião Bugalho. «Eles tinham um estudo de opinião sobre o eleitorado de Loures, não sei se sobre todo o eleitorado ou só sobre o do PSD, que dizia que no *top* três do eleitorado duas das preocupações eram relacionadas com as comunidades de etnia cigana: o uso de transportes públicos e as rendas da habitação social, que alegadamente não pagariam.»

A ideia de ter um candidato do PSD a debitar ideias daquele calibre até gerou uma certa desconfiança no jornalista — era certamente uma forma de Ventura se vender para uma entrevista a um jornal nacional. Na verdade, Sebastião Bugalho não acreditava que André Ventura fosse tão longe: «O João [Gomes de Almeida] lançou-me esse desafio e aceitei. Mas tive dúvidas de que um candidato do PSD tivesse esse tipo de discurso. E qual não é o meu espanto quando o candidato tem, tim-tim por tim-tim, o discurso não de alguém

do PSD, mas mais associado à direita populista europeia. Era notícia na altura, publicámos a entrevista, e foi manchete.»

João Gomes de Almeida não viu estudo nenhum. Sebastião Bugalho não viu nenhuma sondagem que suportasse aquelas afirmações. Ricardo Andrade diz que não havia nenhuns inquéritos à população a falar de ciganos. No máximo, havia um estudo que identificava a falta de segurança como uma das principais preocupações da população. Tudo o resto terá sido manipulação por parte de Ventura, antes de se ter tornado profissional a usar as táticas políticas das *fake news*, meias-verdades e mentiras como faziam os novos populistas por esse mundo fora.

O próprio André Ventura explicou que a aposta no tema dos ciganos surgiu «nas primeiras visitas aprofundadas» que fez «ao concelho, depois amadurecida e discutida com amigos e *staff* da campanha»². Não mencionou nenhum estudo de opinião. O não-pagamento das casas ou as borlas nos transportes públicos eram apenas ecos das queixas que o candidato ouvia dos populares, nos bairros sociais, durante as visitas que fazia em Loures. André Ventura tratou de ligar a sensação de insegurança ao que lhe diziam na rua.

Foi a primeira vez em que o futuro líder do Chega ouviu conversas de café para depois as converter em declarações públicas, para ouvir novas conversas de café a darem-lhe razão, aquele que diz as verdades que mais nenhum político ousa dizer.

André Ventura tinha cumprido o seu guião de *spin* à risca: o candidato do PSD era o sonho do seu *spin doctor*, mas talvez aqui a sua alma social-democrata passasse a estar definitivamente vendida ao populismo.

Na verdade, João Gomes de Almeida não podia prever todo o clamor que aquelas palavras de um candidato de terceira categoria iam provocar, impressas na capa de um jornal que vendia pouco. «Nunca pensei que ia ser assim: o objectivo era mais aparecer na capa do jornal do que o furacão que se seguiu a seguir.»

E a seguir foi uma bola de neve que aumentou de forma desproporcional a dimensão do candidato, que foi crescendo à medida de cada reacção indignada.

A primeira dirigente política a oferecer a André Ventura o estatuto de figura nacional foi a secretária-geral-adjunta do PS, Ana Catarina Mendes, com uma conferência de imprensa no Largo do Rato, ao lado de Sónia Paixão, a candidata do PS à Câmara de Loures. O alvo, naquele momento, não era o insignificante André Ventura; o objectivo da socialista era comprometer Pedro Passos Coelho, então líder do PSD a liderar a oposição: «O silêncio envergonhado do PSD é um erro e um perigo. Este é o momento de Pedro Passos Coelho se demarcar daquelas declarações ou tornar-se-á cúmplice de semear o discurso da intolerância, do racismo e da xenofobia. O dr. Pedro Passos Coelho tem a obrigação de quebrar o seu inadmissível silêncio e de cortar o mal pela raiz, não deixando que o discurso xenófobo se instale e possa germinar», proferiu Ana Catarina Mendes a partir da sede do PS, para as câmaras de todas as televisões.

Pouco depois, numa acção de campanha autárquica, o primeiro-ministro António Costa, no fato de secretário-geral do PS, também arremessou Ventura contra Passos Coelho. Os socialistas e a esquerda perceberam que o candidato a Loures era um activo tóxico e, em política, estas coisas não se perdoam. «Já viram a triste situação em que eu estaria se fosse líder do PSD e apoiasse um candidato no concelho de Loures que desonra qualquer partido democrático? Num Estado democrático, não é possível não tirar imediatamente a confiança política a um candidato daquela natureza», atirou António Costa.

A par das declarações políticas a condenar o ainda social-democrata, o Bloco de Esquerda apresentou mesmo uma queixa na Procuradoria-Geral da República, por incitamento ao ódio e à discriminação racial.

Entretanto, no Largo do Caldas, o CDS liderado por Assunção Cristas, seguidor da doutrina social da Igreja — que ainda era o partido mais à direita no Parlamento —, conservador, democrata-cristão e liberal, não podia estar associado a uma coisa daquelas. Assunção Cristas concordou com António Costa. A líder do CDS e candidata à Câmara de Lisboa deixou cair Ventura e rompeu a coligação com o PSD em Loures: «Uma coisa é defender uma justa atribuição dos subsídios sociais e uma eficaz fiscalização de eventuais abusos. Coisa diversa é querer associar práticas

de abusos a grupos específicos de pessoas, isso é racismo e xenofobia.»

Para a história, como tendo desencadeado o divórcio, fica um *post* no Facebook de Francisco Mendes da Silva, então membro da comissão política do CDS (entretanto desfilou-se do partido), escrito por impulso durante umas férias no estrangeiro. O texto passou a notícia, a pressão pública subiu e o núcleo duro da líder decidiu cortar a relação com o PSD em Loures, por valores e princípios, mas também por razões táticas. Era difícil manter o foco da candidatura de Cristas à Câmara de Lisboa dirigida para atingir um eleitorado abrangente ao centro e, ao mesmo tempo, apoiar André Ventura em Loures com aquele tipo de discurso de extrema-direita.

Elogios públicos ao candidato social-democrata, só mesmo José Pinto Coelho, líder do PNR (entretanto crismado como Ergue-te), o partido dos neonazis, que fez um *post* no Twitter a concordar com Ventura. No mesmo dia, o candidato ao município de Loures emitia um comunicado a dizer que não tinha nada a ver com o PNR, nem com qualquer sentimento racista ou de promoção do ódio: «Queria repudiar veementemente qualquer associação de pessoas ou grupos, políticos ou civis de carácter racista ou xenófobo, pois nunca foi minha intenção estimular ou aprofundar este tipo de sentimentos no debate político», escreveu.

Ventura não tinha a «intenção», estava declarado. Não queria estimular «sentimentos» racistas ou xenófobos. Era o que a direcção do PSD precisava de ouvir: um candidato pode dizer coisas racistas ou xenófobas, mas depois, se garantir que não é racista nem xenófobo, não é racista nem xenófobo.

Isso bastou para Pedro Passos Coelho lhe manter a confiança política, mesmo com o CDS fora do barco. A clarificação estava feita, agora era seguir em frente: «Nós apoiamos o nosso candidato», disse o líder do PSD à imprensa. «Essa clarificação foi feita e agora ele deve prosseguir a sua candidatura.» Ventura ficou tão grato a Passos Coelho que, anos depois, já como deputado único do Chega, tinha no seu gabinete uma fotografia do ex-primeiro-ministro em cima de um armário, tipo altar, ao lado da foto da mulher e de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Apesar de ter pressionado a liderança do PSD, a crise de Loures, no entanto, não foi gerida directamente por Passos Coelho, mas sim por Pedro Pinto, então líder da distrital de Lisboa, conta Ricardo Andrade: «O Pedro Pinto falou com o presidente da secção de Loures, que era eu, e com o André Ventura. Foi a esse nível. Não houve da minha parte nem do André nenhum contacto directo com o Pedro Passos Coelho.»

Mesmo na equipa da candidatura em Loures, este impacto e esta visibilidade tiveram de ser politicamente geridos, «mas nunca se colocou a questão de o André não ser candidato», garante Ricardo Andrade. «Tínhamos assumido esse compromisso, sabíamos que havia riscos, mas também tínhamos consciência de que este problema existia, talvez não daquela forma, mas existia. Claro que houve pessoas que viram com maus olhos, mas não foi um problema de maior», lembra o então líder da concelhia social-democrata. «Até porque a campanha não era só isso.»

Perante a complacência do PSD, o CDS ainda tentou que o candidato à câmara fosse outro, mas os laranjinhos não estavam assim tão incomodados com as opiniões controversas do seu candidato. Pedro Pestana Bastos, o dirigente do CDS que avançou para uma candidatura autónoma do partido, recorda que, apesar da decisão imposta pela direcção nacional, «a estrutura local quis continuar a dar apoio ao André Ventura». Quanto ao PSD, Pestana Bastos recorda que sempre lhe disseram que «teriam sido declarações infelizes, mas que não se iam repetir». O PSD «estava convencido que Ventura tinha sido infeliz naquelas declarações, mas a realidade é que ele as repetiu várias vezes». Os populares ainda tentaram convencer o PSD a apresentar outra candidatura comum, com outro candidato, e chamaram a atenção para o facto de, em 2013, no Governo de coligação com o CDS, terem aprovado a estratégia nacional de integração das comunidades ciganas, proposta por Passos Coelho. «Para nós, parecia-nos totalmente incompatível com aquelas declarações», diz Pestana Bastos, que chegou a usar este argumento num debate televisivo contra Ventura. «Mas o PSD não quis saber, deixou o CDS sozinho e acho que os tempos vieram a dar razão ao CDS. Penso que o PSD hoje se envergonha de ter tido André Ventura como candidato à Câmara Municipal de Loures.»

Os dirigentes do PSD não perceberam que estavam a criar a sua própria némesis, uma espécie de quinta coluna que em breve lançaria a direita numa confusão total. A complacência dos sociais-democratas iria transformar-se na sua maior dor de cabeça.

A campanha prosseguia sem que Ventura recuasse no que dissera, apesar da clarificação de que não era racista nem xenófobo, para agradar à direcção do PSD. Em declarações à TSF, o candidato vangloriava-se e sublinhava o apoio popular às suas declarações sobre os ciganos: «Lamento a decisão do CDS, mas não vou ceder a esta esquerda e extrema-esquerda, porque sinto cada vez mais o apoio das pessoas. Ainda hoje estive em Loures e foi quase impossível andar em alguns sítios, porque as pessoas queriam dizer obrigado, por eu ter tocado num problema que há muito tempo gostaríamos de ter tocado e nunca conseguimos.»

André Ventura estava a descobrir um filão.

O assessor de comunicação João Gomes de Almeida tinha planeado um golpe de *marketing* político, mas não imaginava que o golpe lhe corresse tão bem. Sem querer, tinha acabado de criar um monstro ou, como ele diz, uma *popstar*: «Acho que no início não estávamos à espera de tudo o que é causado a seguir, que não é só causado pelo André.»

Aquela frase polémica a explorar os preconceitos mais básicos da população foi um trampolim para a cena nacional: «São os comentadores do CDS que dão fogo a isto. A Teresa Leal Coelho, candidata do PSD a Lisboa, dá fogo a isto», continua o publicitário. «De um momento para o outro, fizeram de um absoluto anónimo, que disse uma coisa sobre os ciganos num jornal nacional que nem sequer era dos que tinham mais tiragem, uma *popstar*.» Foi o CDS, quando lhe tirou o apoio, argumenta Gomes de Almeida, e «os programas de comentário político que tornaram um desconhecido num tipo absolutamente conhecido em todo o país numa fracção de dias. Não me lembro na política nacional de mais nada assim».

O momento do teste do algodão, no entanto, foi quando regressaram ao mesmo restaurante, o Madeirense, no Centro Comercial das Amoreiras. «Antes da polémica, éramos absolutamente anónimos. Lembro-me que, da outra vez, as únicas pessoas que nos foram cumprimentar eram alguns

ex-jogadores conhecidos do Benfica», conta João Gomes de Almeida.

Desta vez, porém, foi diferente: «Voltámos dois ou três dias depois de sair a capa do *i*, para irmos almoçar. Entramos no mesmo restaurante e as pessoas começam a bater palmas e a dizer: ‘Força, doutor, era preciso um homem como você.’ Nunca mais me esqueço disto. Sentamo-nos à mesa e o André, não com uma lógica premonitória ou oportunística, mas entre dois amigos, diz-me a seguinte frase: ‘Nós devíamos era fazer um partido.’»

André Ventura já tinha de facto pensado em formar um partido, como veremos adiante. Mas o futuro Chega começou naquele preciso momento. A política portuguesa estava em choque. Ainda dentro do PSD e sem indignar a maioria dirigente do seu partido, Ventura atravessou a linha vermelha da xenofobia e do racismo, para fazer imputações colectivas a uma comunidade étnica, e de certa forma foi normalizando esse tipo de discurso ao longo do tempo.

Mas não é líquido que o faça por ter tido na sua base educacional, ou na sua experiência de vida ou teórica, uma simpatia por teorias racistas ou xenófobas. Nenhuma das múltiplas fontes consultadas para os trabalhos jornalísticos que deram origem a este livro se recordam de André Ventura, em alguma fase da sua vida, ter subscrito ideias como estas. Só terá começado a dar sinais de alguma islamofobia após os atentados terroristas de 2015 em Paris.

O facto de aparentemente usar estes argumentos de forma instrumental para ganhos políticos, de notoriedade e eleitorais não é uma atenuante, pode até ser uma agravante do ponto de vista moral. Outro aspecto que foi sendo levantado por várias fontes que serão identificadas ao longo das próximas páginas é que, provavelmente, André Ventura foi começando a acreditar naquilo que passou a dizer.

Um dos trabalhos jornalísticos que estão na base deste livro é o *podcast* do *Expresso* «Entre Deus e o Diabo: como André se tornou Ventura», cuja tese central é que a *persona* do líder do Chega é uma criação de André Ventura ao longo do tempo. Reconstituindo a história deste homem, ressalta um sentido oportunista da vida, em que a ambição lhe vai moldando as ideias, conforme encontra caminho livre para

ascender socialmente, mediaticamente e, depois, politicamente. Apesar de ser profundamente crente, se não vendeu a alma ao Diabo para chegar onde chegou — em termos metafóricos, claro —, alienou tudo aquilo em que parecia acreditar quando frequentou os grupos da Igreja, a faculdade ou o doutoramento.

O caso dos ciganos é um paradigma da forma como a cabeça de André Ventura já funcionava antes do sucesso do seu projecto partidário. «Não quero fazer isto para parecer que tenho um problema qualquer pessoal com ciganos. Mas tive, tive problemas com ciganos, também tive quando vivi na Baixa de Lisboa, não foi isso que me marcou», disse-me André Ventura numa entrevista que lhe fiz em 2021 para um longo artigo publicado na revista do *Expresso*, reproduzida depois no *podcast*. No Algueirão, onde cresceu, chegou «a ter um amigo cigano, que era o Miguel cigano», fez questão de dizer. «Lembro-me disso, lá na rua onde vivi — antes disso vivi noutro local em Mem Martins — e havia aí um Miguel cigano que era meu amigo, não sei o que ele hoje pensará de mim, possivelmente não pensará o melhor.» Provavelmente, não.

A agravante moral de usar argumentos racistas ou xenófobos sem acreditar neles, ou sem que aparentemente tivesse acreditado neles durante o seu percurso pessoal e político, é que manuseia elementos perigosos de forma puramente instrumental. Por isso escolhi para esta Introdução o caso da inauguração do tema dos ciganos, porque Ventura usou uma etnia e uma comunidade cultural — e os preconceitos subjacentes na maioria — como golpe de *marketing* para catapultar a sua notoriedade. Inventou um estudo, ou manipulou dados de um estudo, para convencer terceiros de que a sensação de insegurança da população estava relacionada com os ciganos. Ia ser crucificado? Sim, foi crucificado por muitos. Mas, para outros, era tudo isto que esperavam um dia ouvir um político dizer. Ventura surfa a onda que em cada momento lhe é mais favorável. A credibilidade, a coerência dos actos e a verdade dos factos não são bens políticos que lhe sirvam de motivação ou lhe dêem proveito.

1.

Na política, muitas vezes há figuras que se transformam nas personagens que criaram. Se não eram, passam a ser, e a acreditar naquilo em que se converteram. Para os políticos tradicionais, a política corrente já era há séculos a arte da simulação e da dissimulação, mas o caso de André Ventura está para além disso. Em três ou quatro anos, apareceu do nada para condicionar o sistema político, sem passado político ou doutrinário digno de registo. Se olharmos para trás, para o que ele foi sendo ao longo do tempo, é difícil encontrar rasto daquilo em que se tornou. Não será apenas um actor, como todos os políticos de alguma forma têm de ser, porque a política é um palco onde é preciso representar uma narrativa todos os dias. Ventura foi desenvolvendo a sua personagem ao longo dos anos, adaptando-se aos desejos da assistência, mudando de palco, até descobrir um espaço vazio, que estava a ser preenchido lá fora, pelo qual uma parte do povo ansiava.

Ele leu o mercado e tornou-se o produto que muita gente queria comprar.

A história de Ventura revelou ao *statu quo* que para conquistar eleitores basta aparecer um novo protagonista com destreza de comunicação e uma inteligência flexível, que percebe o que o português comum quer ouvir à mesa do café, movido por uma enorme ambição e sem vergonha de defender ideias que exaltam preconceitos mais ou menos assumidos. Em poucos anos, o líder do Chega desequilibrou o sistema, estilhaçou a direita e manietou o PSD, que ficou limitado na sua margem de crescimento. É claro que Ventura precisou de um contexto favorável para crescer: já tinha os exemplos dos populistas de direita estrangeiros e o ambiente nacional contra as elites, dois elementos inflamáveis para o populismo, que aproveitou sem estados de alma,

assim como todas as oportunidades que forçou ou que a sorte pôs no seu caminho.

A coerência, para estes novos protagonistas, é um subproduto de segunda categoria. Muitos eleitores também já deixaram de a valorizar, por olharem para os políticos tradicionais como seres que procuram menos a coerência do que a justificação para o seu zigzague. Ventura só foi absolutamente coerente no sentido de aproveitar as circunstâncias, insinuando-se junto das pessoas certas para ir subindo a caminho de um determinado tipo de sucesso, fosse religioso, académico, literário, mediático ou, finalmente, político.

Jovem católico, jurista e professor universitário, social-democrata filiado desde a JSD, transformou-se em Ventura, o líder do Chega, e nas legislativas de 2022 tornou-se a terceira força política em Portugal. Fê-lo, desde logo, abrindo caminho à possibilidade de aparecer no *mainstream* um discurso racista e xenófobo, que ele nunca tivera até perceber que isso funcionava como instrumento popular — caso dos ciganos — para desenvolver e agregar uma força radical de direita, semelhante às outras que existem nas democracias em crise.

Até Ventura, Portugal era um fenómeno, o país da Europa onde não havia populismos nem populistas de direita, onde os jornalistas estrangeiros que viajavam para Lisboa perguntavam porquê, como é que aqui ao canto não havia partidos radicais, ou de extrema-direita, como em todo o lado, como no norte da Europa, ou como Marine Le Pen em França, Geert Wilders nos Países Baixos, Matteo Salvini e Giorgia Meloni em Itália, ou como Santiago Abascal em Espanha.

O que explicava a excepção portuguesa? As respostas possíveis eram muitas e estavam todas erradas: era porque ainda tínhamos o trauma do fascismo; era porque o PCP ainda servia de pára-raios ao descontentamento das classes trabalhadoras; era porque o CDS continuava a ser a parede onde batiam os ultras, ou era simplesmente porque reinava a moderação, a sapiência e a ponderação entre os portugueses.

Afinal, os portugueses eram iguais aos outros todos. Simplesmente ainda não tinham um populista de direita competente a ser populista de direita. O potencial estava lá, bastava alguém que estimulasse alguns pontos sensíveis e nunca antes explorados do eleitorado e dos abstencionistas:

o racismo envergonhado, o ressentimento contra as elites e os políticos, a raiva dos que viveram toda a vida revoltados com a sua condição, os que se sentem excluídos, ou uma parte da direita que nunca se encaixou na democracia. A receita é a mesma nos outros países.

A prova de que os portugueses estavam só à espera de que aparecesse o seu populista é que André Ventura, André Claro Amaral Ventura, nascido a 15 de Janeiro de 1983 e criado num subúrbio de Lisboa, no concelho de Sintra, só precisou de três anos.

Três anos passaram desde a fundação do Chega, em 2019, até André Ventura conseguir 496 mil votos e 11,9% nas presidenciais de 2021. Um ano depois, nas legislativas de Janeiro de 2022, garantiu 400 mil votos, o que lhe deu 7,1% e 12 deputados. Da excepção portuguesa, este partido da extrema-direita, da direita radical ou da direita populista, conforme as definições, passou a ser a terceira força política no Parlamento, a seguir ao PS e ao PSD.

Com estes resultados, o Chega começou a condicionar tudo, e as discussões passaram a ser sobre o Chega e a direita, o Chega e a esquerda, e sobre se falar de Ventura o insufla ou se ignorar Ventura é que o alimenta. Pelo caminho, matou o CDS, ultrapassou o Bloco de Esquerda e o PCP, mas sobretudo fez do PSD um partido médio, onde a discussão central passou a ser sobre como governar com ou sem extrema-direita, o que coloca à mercê do PS todos os líderes sociais-democratas, os quais, independentemente do que os laranjas digam, estão sempre colados a uma possibilidade — mesmo que remota — de alianças, apoios ou negociações com extremistas que defendem a prisão perpétua, a castração química ou a segregação de etnias.

Esta é a história de uma espécie de Fausto* português, que foi trocando aquilo em que acreditava por tudo o que satisfizesse a sua ambição. André Ventura será um Fausto moderno, que nasceu nove anos depois do 25 de Abril e que tem a fotografia do seu director espiritual, o padre Mário Rui Pedras, em cima da secretária — aliás, essa era a única fotografia que

* Figura literária adaptada em várias obras de autores como Wolfgang von Goethe, Thomas Mann e Fernando Pessoa, que vende a alma ao Diabo em troca de benesses futuras.

tinha em cima da secretária quando foi entrevistado em 2021 para a revista do *Expresso* e para o *podcast* narrativo «Entre Deus e o Diabo». Se os líderes políticos têm de viver com uma imensa autoconfiança para convencerem os eleitores de que estão preparados para os mais altos cargos, o ego de Ventura ultrapassa-os, na medida em que vai mais longe, por assumir que acredita ter sido ungido com uma missão divina e dizer, em entrevistas, que fala com Deus.

Quando André nasceu, já fora aprovada a revisão constitucional de 1982, os militares tinham regressado aos quartéis com o PREC enterrado, e ele tinha três meses na data das eleições de 25 de Abril de 1983, que deram origem à coligação de Bloco Central entre Mário Soares (PS) e Carlos da Mota Pinto (PSD). A sua infância passou-se durante o cavaquismo, numa realidade em que os abalos da revolução, do fim do império e da descolonização já tinham ficado lá atrás. A sua consciência política desenvolveu-se com a democracia consolidada.

André foi um rapaz que só na adolescência se converteu ao catolicismo, o que explicará o seu fundamentalismo religioso; que andou pelo PSD sem que alguém se lembre de o ouvir defender posições radicais; que de repente se tornou um extremista, ao descobrir que lhe bastava dizer «ciganos» para pensar que devia fundar um partido, uma força uni-pessoal, onde a fotografia do chefe aparece espalhada pelas paredes dos gabinetes do grupo parlamentar do Chega, para evitar dúvidas sobre quem manda.

Numas eleições ainda tão próximas como as autárquicas de 2017, André Ventura ainda falava noutro tom, perante a presença consoladora de Pedro Passos Coelho numa acção de campanha em Loures (três dias antes da polémica entrevista ao *i* sobre a comunidade cigana que abre este livro): «Não sou ingénuo, sei bem de onde vim, aquilo que me preenche e o que faço no espaço público. Quando esta candidatura surgiu, ponderei, que sabia de onde vinha e onde estava no espaço público. Ando na rua no concelho de Loures e as pessoas conhecem-me mais por ser um comentador afecto ao Benfica. Pronto, já falei do Benfica, não queria falar do Benfica...»

Ele sabia de onde vinha: do programa *Pé em Riste*, na CMTV, onde, além do comentário aos casos da jornada, era

comum a troca de insultos entre participantes, como no dia em que Ventura se pegou com Aníbal Pinto após um FC Porto — Benfica: o portista chama-lhe «palhaço», ele responde «vai chamar palhaço à tua tia», ou «o verdadeiro palhaço és tu», ou «o André, sem cartilha, é o verdadeiro palhaço». Não era edificante, era recorrente, mas deu-lhe notoriedade, apesar de Ventura ter hesitado em aceitar comentar futebol, por achar que isso poderia afectar a sua credibilidade académica de jurista e professor universitário, como veremos noutro capítulo.

André sabe de onde vem. Mas não vem só da televisão. Ele não nasceu como uma personalidade do cabo, a ganhar notoriedade nas conversas de café como comentador televisivo e colunista do *Correio da Manhã*. Teve de se esgatanhar até lá chegar. Foi um fura-vidas. Não conhecia ninguém, mas aproximou-se de quem o podia ajudar a subir as escadas da fama, até se tornar uma figura nacional. A *persona* mediática que criou — onde se foi operando essa transformação — nasceu na CMTV, mas o verdadeiro André cresceu em Mem Martins, o subúrbio gigante de Sintra.

O pai tinha uma carrinha *Citroën* branca e vendia peças de bicicletas e motas às lojas da especialidade. Por isso, André tornou-se fã de ciclismo, de tal maneira que no primeiro dos seus dois romances o herói era um ciclista (escreveu dois romances, conhecidos pelas suas passagens eróticas e personagens infectadas com sida).

Em casa da família, a garagem fazia de armazém para as peças. O carro do pai chegou a exibir o anúncio a um desses livros cujas edições o filho pagou do próprio bolso. A mãe era secretária numa empresa em Lisboa. «Não tinha uma loja. Na verdade, o meu pai era distribuidor. Comprava num sítio e vendia no outro, não tinha loja de venda ao público. Eram peças de bicicletas, daí que tenha ficado com grande paixão pelo ciclismo, mas não havia uma casa de comércio aberto. Vivi na zona do Cruzeiro [em Mem Martins], numa daquelas ruas.»

Cresceu entre classes médias e baixas, primeiro num prédio e depois numa moradia, quando a família passou a viver melhor. Era uma criança tímida e nessa fase não se percebiam ainda os dotes oratórios de hoje, nem a pulsão

para ser o centro das atenções. Nas pastelarias do bairro ainda se lembram da criança e do jovem assim. Susana Vicente, dona de uma papelaria em Mem Martins que vivia ao lado dos avós dele, falou com o *Expresso*, em Março de 2021, sobre as memórias que tinha de André, cujo irmão também conheceu: «Era super envergonhado, tão calmo, agora até fico parva.» Susana cresceu em Mem Martins e, pela experiência que teve, não consegue perceber como é que o ambiente daquele lugar possa ter servido de molde para as posições políticas de Ventura. «Fazíamos o que queríamos. Não havia aqui bandidagem, os ideais dele é que mudaram, estava no PSD e foi para outra direita...»

Ao contrário desta vizinha, que nunca se sentiu insegura em Mem Martins, André admite as influências da «confusão social, étnica e racial» do enorme bairro multicultural onde foi criado, a maior freguesia da Europa, o maior dormitório de Lisboa. «Isto tem sempre consequências, não há dormitórios sem confusão social, étnica e racial também, no caso, porque havia uma mistura de etnias e de raças muito grande», recordou Ventura numa entrevista¹. A Papoila, escola que frequentou onde a sua avó era cozinheira, deixou-lhe «boas experiências», mas depois foi para a escola básica Ferreira de Castro, em Ouressa, e aí teve «mais contacto com um ambiente que, não sendo de pobreza extrema, era genericamente de classe média baixa».

O rapaz havia de sair do bairro para estudar num seminário e depois tirar Direito, tornar-se advogado e fazer um doutoramento na Irlanda, chegar a professor universitário e a quadro da Autoridade Tributária. André saiu de Mem Martins, mas o que deixou Mem Martins nele? Levou os ressentimentos com ele para a política? Diz que teve questões com ciganos em miúdo: «Mas agora não quero fazer isto para parecer que tenho um problema qualquer pessoal com ciganos. Mas tive problemas com ciganos, e também tive quando vivi na Baixa de Lisboa, não foi isso que me marcou.»

Terá sido marcado por esse «ambiente» que hoje descreve como de «alguma insegurança», mas sobretudo como um lugar multiétnico. «Havia uma mistura étnica e racial muito grande, como nunca senti noutro sítio qualquer. Na Baixa de Lisboa havia diferentes raças, indianos e paquistaneses, mas nada como em Mem Martins. Juntava-se alguma pobreza,

uma classe média-baixa muito descontente com o Estado e com a distância a que o Estado estava. A ideia de que uns tinham privilégios e outros eram uns afastados, acho que hoje ainda toda a linha de Sintra sente isso, e esta classe média que tem sido prejudicada.»

Aparentemente, terá desenvolvido na periferia aquilo que foi buscar depois para a política, embora nenhum amigo desse tempo se recorde de comentários como este: «Ali tive um primeiro sinal do que era viver nesta nova realidade, que para Portugal até era uma nova realidade, pois até havia poucos dormitórios. Hoje, à volta de Lisboa e do Porto, temos zonas já com uma dimensão de mistura étnica e racial muito grande. Por exemplo, a minha avó está num lar nas Mercês. Quando vou às Mercês hoje, aquilo parece África, verdadeiramente, para o bem e para o mal, só se vê pessoas negras. E é o que é, a vida é assim, foi o movimento normal e o fluxo normal, e na altura não era assim, já havia alguma imigração dos que tinham vindo das colónias, mas não era assim.»

Esta declaração de André Ventura sobre a sua infância e o lugar onde cresceu remete para uma ideia controversa que o Chega passou a defender, na linha dos partidos estrangeiros da extrema-direita xenófoba. A primeira declaração pública nesse sentido foi proferida ainda o líder do Chega era deputado único no Parlamento, e passou praticamente despercebida: «Podemos dar as voltas que quisermos, há uma substituição demográfica na União Europeia. A verdade é uma, a UE, no seu conjunto, tem vindo a ser substituída demograficamente por filhos de emigrantes. Ninguém quer que daqui a 20 anos a Europa seja constituída por pessoas que não nasceram no continente europeu», afirmou no hemiciclo, para depois partilhar a intervenção nas redes sociais.

Em Novembro de 2023, voltou às mesmas ideias numa reunião, em Lisboa, do grupo de extrema-direita no Parlamento Europeu Identidade e Democracia, perante a francesa Marine Le Pen, ex-líder do Rassemblement National, e do alemão Tino Chrupalla, co-líder da Alternativa para a Alemanha (AfD): «Vão continuar a dizer que devíamos deixar entrar toda a gente, sem controlo e sem critérios, mesmo sabendo que levaria, a prazo, a uma substituição populacional que nunca poderemos aceitar na nossa Europa.»

A teoria da substituição não é uma teoria qualquer e enquadra-se naquela visão de que nas Mercês, como num *banlieue* parisiense, «parece que estamos em África». Trata-se de uma teoria da conspiração antiga, que fez caminho em grupos obscuros de supremacistas brancos, anti-semitas e racistas, mas que ganhou tracção na Europa e começou a entrar no *mainstream*. Em França, um dos novos ideólogos da extrema-direita começou a fazer doutrina: em 2011, Renaud Camus escreveu o ensaio *Le Grand Remplacement*, onde argumentou que os europeus brancos estavam a ser substituídos por muçulmanos.

Nas eleições presidenciais francesas de 2022, Éric Zemmour, o candidato da extrema-direita, à direita de Le Pen, fez eco dessa teoria xenófoba, que parte do declínio demográfico do Ocidente para concluir que a Europa está a ser colonizada por negros e magrebinos. A teoria tem-se espalhado de forma capilar por toda a extrema-direita, com várias declinações conforme a realidade de cada país. Marine Le Pen acha que é uma maneira de os grandes interesses financeiros manterem os salários baixos. O seu pai e fundador da Frente Nacional, Jean-Marie Le Pen, tinha uma posição mais próxima de Zemmour e chegou a dizer num discurso, em Marselha, que «esta imigração massiva se arrisca a produzir uma verdadeira substituição das populações».

Nos Estados Unidos, teóricos da substituição com projecção nacional na televisão Fox News, como o então todo-poderoso comentador trumpista Tucker Carlson, chegam ao ponto de considerar que se trata de uma conspiração para os democratas mudarem o perfil dos eleitores para ganharem o poder aos republicanos e cristãos².

A adesão e disseminação política deste tipo de teorias esteve na origem de tragédias recentes. No dia 17 de Maio de 2022, Payton Gendron, um jovem de 18 anos, entrou num supermercado em Buffalo, Nova Iorque, e matou dez pessoas. Não foi só um crime, se é que um crime destes pode ser apenas um crime: foi um crime racista cometido por um supremacista branco obcecado pela teoria da substituição.

Entre a declaração no Parlamento a veicular a teoria da substituição e o discurso à extrema-direita europeia, André Ventura foi confrontado com essa posição numa entrevista ao *Polígrafo*, mas aí tentou não se comprometer tanto.

«Assumirei as minhas palavras. Acho há um risco na Europa de uma crescente, não chamaria substituição... ah... substituição não é a melhor palavra. Eu acrescentaria que há um risco de uma crescente aglomeração, de uma certa adulteração cultural e civilizacional da Europa com os fluxos migratórios dos países islamizados ou islâmicos.» Apesar desta explicação, voltaria a usar a palavra «substituição» em discursos, como fica evidente. Além disso, a «adulteração cultural e civilizacional» é exactamente o que a mesma teoria também alega³. Voltaremos a este tema e a mais explicações de Ventura no capítulo 7, sobre o racismo e a xenofobia.

No subúrbio multiétnico onde cresceu, há muitos anos que os jovens de classe média se dividiam em tribos urbanas, cada uma com os seus códigos, cores e roupas. Nos anos 90, os jovens ainda procuravam uma identificação de grupo como se habitassem uma prateleira de loja de discos, mas no fim da década a tendência foi-se esbatendo, e o adolescente André era um indiferenciado: «Nunca fui um grande fã de música, não sou um especialista.»⁴ Não cultivava nenhum estilo em especial, era bastante *mainstream*: «Gostava muito de Brian Adams, mas lembro-me que na casa da minha avó materna, que estava muito sozinha, porque foi para França uma parte da família, ouvia muito Rui Veloso.» Mais tarde, havia de conhecer o cantor portuense e de o apresentar à avó, quando um dia o encontraram a almoçar num restaurante em Sintra. «Era um grande fã dele, ‘Não há estrelas no céu’... ‘Porto Covo’, porque eu ia muitas vezes de férias para Porto Covo, e então ficou-me muito na memória essa música. Os meus avós maternos têm uma *roulotte*, onde passavam em Porto Covo, e eu ia para lá desde os 3 anos.»

No que respeita a leituras, cultivava-as mais do que à música, tanto que havia de querer ser escritor de *best-sellers*: dedicava-se sobretudo a obras religiosas quando se converteu ao catolicismo. «Detesto filmes e coisas de banda desenhada, bonecos, mesmo quando era miúdo, sempre gostei de ler livros religiosos, depois dos 14 anos, e a partir de uma certa altura passei a ler coisas mais ligadas a política.» Destacou, então, dois livros que mais o terão influenciado: um de um autor da direita dura não democrática, que o terá ajudado a percorrer um caminho politicamente mais incorrecto,

apesar dos anos que passou no correctíssimo PSD. E uma obra-prima da literatura mundial que se presta a interpretações:

Há um livro que me marcou muito politicamente que foi *O Fim do Estado Novo e as Origens do 25 de Abril*, do Jaime Nogueira Pinto. No outro dia fui a casa do meu pai pedir-lhe esse livro porque quero guardá-lo, aquela edição de capa laranja marcou-me mesmo muito, foi quando o gosto pelo Direito começou a surgir, o gosto pela actividade política, e hoje tenho a sorte de ser amigo do Jaime Nogueira Pinto, mas nessa altura, só pelos livros, e do ponto de vista político, marcou-me. [...] Outro livro que me marcou muito, mas não é político, e esse continua a marcar muito, foi *O Dr. Fausto* de Thomas Mann, um livro muito denso, muito forte, muito difícil, lembro-me que passei meses a devorá-lo e marcou-me muito profundamente.

Apesar de ser, em grande medida, um livro sobre música erudita e composição — tem partes que são verdadeiros ensaios para iniciados — *O Doutor Fausto* é também outra coisa. E talvez ajude a perceber o próprio Ventura.

Basicamente, os Faustos nasceram a partir da história de Von D. Johann Fausten, uma obra de 1587, de autor anónimo — o mais conhecido é o de Goethe —, figuras ambiciosas e ansiosas, com um nível de acentuado sofrimento interior, que vendem a alma ao Diabo em troca de sabedoria ou de certos dons e capacidades que não possuíam, e que têm como paga o sofrimento para o resto da vida e a condenação eterna.

Ora, o Fausto de Thomas Mann apreciado por André Ventura, que conta a história do compositor alemão Adrian Leverkühn, foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial e publicado em 1947, por sobre os escombros da Alemanha nazi. Esta versão do Fausto, reeditada em 2021 pela Relógio D'Água em Portugal, é um livro sombrio, criado em tempos sombrios, uma leitura difícil mesmo para um adolescente inteligente. A narrativa principal, que terá confessadamente marcado o jovem católico, conta o percurso de um rapaz que começou por estudar Teologia — Ventura também foi para um seminário — mas que vende a alma ao Diabo em

troca de talento musical para compor as mais belas peças de sempre, o que se faz à custa de perder a capacidade de amar, atraindo para a sua família as mais infames tragédias.

A certa altura, num dos pontos altos da narrativa, o Diabo dirige-se nestes termos a Adrian:

Mas tu és um caso atraente, não me custa confessar. Desde cedo que estávamos de olho em ti, na tua cabeça expedita, ativa, nos teus *ingenium* e memória excelentes. Puseram-te a estudar as ciências divinas, como a tua presunção congemina, mas não tardou que já não quisesses denominar-te de *theologus*, meteste a Sagrada Escritura debaixo da carteira e, daí para a frente, só quiseste as *figurae*, *characteres* e *incantationes* da música, coisa que não pouco nos agradou.⁵

Se onde está música estivesse escrito «*characteres* e *incantationes* da política», poderíamos ter aqui o equivalente a um outro Fausto.

André Ventura, o devoto de Fátima que diz falar com Deus e que critica com tanta violência o humanismo de um papa Francisco preocupado com os migrantes e com os mais fracos, pode não ter um pacto com o Diabo, mas defende ideias que muitos cristãos consideram pouco católicas e contrárias aos preceitos do amor ao próximo. André Ventura será um Fausto moderno pelo menos nisto: estará entre o Deus que diz adorar e as ideias do Diabo que lhe permitem ascender a terceira força política portuguesa.



Na Cabeça de Ventura

foi composto em caracteres Mercury
e impresso na Eigal, Indústria Gráfica
em papel Holmen Book Ivory 80 g
no mês de Janeiro de 2024.

